

Eleição presidencial *Marcha insensata rumo ao Haiti*

O candidato do PMDB à Presidência da República, deputado Ulysses Guimarães, começou sua campanha eleitoral fazendo um comício no Cine Palácio, em São José dos Campos, no Vale do Paraíba. No cinema, ao lado do candidato a vice, Waldir Pires, o presidencialável deu uma entrevista coletiva, sábado, à tarde, comparando a situação do Brasil à do Haiti, considerado o país mais pobre do Ocidente, "sobretudo nas áreas de saúde, educação e de outros indicadores sociais".

Na comparação infeliz, o candidato mostrou por que a analogia é o mais simples e também o mais arriscado dos argumentos de retórica. Com mais de 140 milhões de habitantes, a oitava economia do mundo ocidental e um sistema industrial capaz de produzir mercadorias em volume e qualidade competitivos no comércio internacional, o Brasil tem poucos pontos comuns com o Haiti, com cerca de cinco milhões de habitantes e com renda *per capita* anual de US\$ 360,00. De US\$ 2.422,00, a renda do Brasil é mais de seis vezes maior.

Em termos de indicadores econômicos, felizmente, o Brasil, que o dr. Ulysses pretende presidir, ainda está bastante distante do Haiti. Mesmo considerando o baixo desempenho dos programas sociais e a inefi-

ciência do Estado brasileiro no atendimento rotineiro da saúde e da educação, citadas pelo candidato, trata-se de um exagero aproximar o Brasil do país durante décadas dominado pela oligarquia dos Duvalier.

A analogia imprópria revela um inesperado despreparo de um político veterano e antigo comandante de um grande partido político brasileiro, caso do dr. Ulysses. Mas não deixa, também, de indicar um sentimento que vai além da simples ignorância: uma certa tendência ao terceiro-mundismo, tema de predileção não tanto do presidencialável, mas particularmente de seu candidato a vice, Waldir Pires, e dos grupos de esquerda que o apóiam. O dr. Ulysses incorre em grave equívoco ao comparar a situação do Brasil à do Haiti. Mas seu equívoco maior é levantar, talvez sem saber, as bandeiras de uma política retrógrada, preconceituosa e nociva ao bem-estar coletivo. Essa política pode conduzir rumo ao Haiti, ou pelo menos para mais perto da situação de penúria em que vive aquele país.

As deficiências estruturais, principais responsáveis por essa viagem do Brasil rumo ao Haiti, são, fundamentalmente, a estagnação da economia, a xenofobia em relação à entrada no País de capital e tecnologia do Exterior e a ineficiência de um

sistema econômico mais preocupado com o lazer do que com a produtividade. Não há discurso de comício capaz de esconder do eleitor a grande responsabilidade do PMDB, maior partido da Nova República, na produção desse explosivo combustível utilizado pelo trem do Estado brasileiro na insensata marcha em direção à miséria acomodada.

Todo eleitor presente na festa do Cine Palácio, em São José dos Campos, é capaz de distinguir a retórica do candidato do PMDB de sua prática administrativa. Qualquer brasileiro sabe da participação ativa do dr. Ulysses na escolha das equipes técnicas responsáveis pela política que conduziu o Brasil ao atual estágio de crise econômica. Da mesma forma, não é segredo para ninguém a influência do candidato na confecção da nova Constituição, que está, no ponto de vista da política econômica, impregnada do chauvinismo provinciano criticado, com muita lucidez, pelo embaixador Rúbens Ricúpero, chefe da missão do Brasil no Gatt, em Genebra, em entrevista publicada domingo na imprensa.

O discurso xenófobo e estagnante do PMDB do dr. Ulysses é coerente com aquilo que o embaixador Ricúpero define, com precisão, como sendo "a permanência de moldes mentais que

vêm do passado". Segundo o diplomata, "há uma espécie de cultura de política industrial que tem início talvez na década de 30. Este modelo se fez muito na base da presença central do Estado, e Volta Redonda é bem o exemplo disto". Os principais líderes que acompanham o dr. Ulysses e o PMDB em sua campanha presidencial fazem parte daquela espécie de gente, de que fala Ricúpero na entrevista citada: "Há muita gente no Brasil que tem em relação ao capital estrangeiro uma atitude que se iniciou no começo dos anos 40 e que atingiu o ponto de paroxismo no segundo governo Vargas, com a controvérsia sobre a remessa de lucros ao Exterior, o que nos valeu uma ruptura com o Banco Mundial, que suspendeu os créditos ao Brasil".

Esse compromisso com o passado, presente no discurso do PMDB e de seu candidato, e não apenas no comício do Cine Palácio, é certamente o maior responsável pelos baixos índices de preferência do eleitorado alcançados pela candidatura do maior partido em atividade no Brasil. O eleitorado brasileiro tem um compromisso com o futuro, pois quer deter essa marcha insensata que a nostalgia terceiro-mundista conduz rumo ao Haiti. Por isso, tem rejeitado, até agora, o discurso saudosista do PMDB e de seu candidato à Presidência da República.